DEUTERONÔMIO - INTRODUÇÃO

O nome do quinto livro da Bíblia, e último do Pentateuco, deriva de duas palavras gregas: *deuteros* ("segundo") e *nomos* ("lei"). Isso quer dizer que teremos mais leis? Não exatamente: teremos as mesmas leis vistas pela segunda vez. O Deuteronômio trata da compilação de uma série de discursos proferidos por Moisés às margens do Rio Jordão. Está aí o truque do velho profeta para prolongar sua vida: resolveu reunir todo o povo e recontar tudo o que acontecera desde a saída do Sinai até aquele momento em que se preparavam para a tomada de Canaã. Além disso, não nos esqueçamos, ele ainda tinha seus cinco livros para escrever (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e o próprio Deuteronômio). Malandro demais esse Moisés...

O Deuteronômio assume grande importância em toda a Bíblia. No começo do reinado de Josias (800 anos depois da morte de Moisés), um pergaminho do Deuteronômio será convenientemente encontrado entre as ruínas do Templo de Jerusalém, dando ânimo ao povo para a obra da reconstrução. Acredita-se hoje que este livro, assim como todas aquelas histórias heróicas do Velho Testamento, tenha sido escrito nessa época como material de propaganda e motivação, utilizando como base escritos mais antigos e velhas lendas orais.

Séculos depois (1.300 anos depois de Moisés, na verdade), quando tentado pelo demônio, é a citações do Deuteronômio que Jesus Cristo vai recorrer para derrotar seu adversário. Devido a seu caráter repetitivo, creio que minha releitura desse livro será rápida e indolor para vocês. Não sou doido de ficar repetindo todas aquelas leis e rituais. Vamos ver como me saio. Sentem-se, acomodem-se. Vamos ouvir o que Moisés tem a dizer.

O PRIMEIRO DISCURSO DE MOISÉS

(Deuteronômio 1:1 até 4:43)

Chega de enrolação, vamos ao Deuteronômio.

O livro começa situando-se no tempo (40 anos depois da saída do Egito) e no espaço (o vale do rio Jordão). Antes da entrada do povo em Canaã, Moisés resolveu fazer uma série de discursos relembrando a eles tudo o que acontecera nesses quarenta anos, assim como as leis e rituais que deveriam seguir. Reuniu o povo e começou: — P-povo de I-Israel, o-ouçam o que s-seu l-líder tem a d-dizer! Há q-quarenta a-anos, q-quando e-estávamos no pé do m-monte Si-Sinai, um dia Ja-Javé a-acordou p-puto. "Cês j-já tão há t-tempo d-demais a-aqui, p-porra! M-metam o pé na e-estrada a-antes que eu a-acabe com a ra-raça de vo-vocês, c-caralho!", e a-assim p-por di-diante, c-como é o je-jeito d-dele. E-então c-começamos n-nossa jo-jornada q-que a-agora está q-quase no fi-final. C-Canaã fi-fica logo

a-ali, só o r-rio nos s-separa da T-Terra P-Prometida. Mas a-antes de e-entrarmos lá, q-queria c-contar co-como foi n-nosso ca-caminho a-até aqui...

E Moisés falou. E falou. E depois falou mais um pouco: falou dos ajudantes que escolheu, dos espiões mandados para Canaã (cuja covardia irritou Javé a ponto de condenar os israelitas a 40 anos de caminhada pelo deserto), da necessidade que tiveram de contornar Edom quando o rei daquele país não permitiu sua passagem, da guerra contra o rei Seom pelas mesmas razões, da derrota de Ogue, rei de Basã, das tribos que ficariam a leste do Jordão.

— E-então n-nessa ocasião, d-depois da d-derrota de S-Seom e O-Ogue, eu p-pedi a Ja-Javé n-novamente que re-revisse sua d-decisão de não me d-deixar a-atravessar o J-Jordão. M-mas não a-adiantou n-nada: o fi-filho da p-puta c-continuou di-dizendo que e-eu m-morreria no a-alto do m-monte N-Nebo, t-também c-conhecido como P-Pisga. E-então f-foda-se. V-vou m-morrer, t-tudo b-bem, m-mas a-antes v-vou fa-fazer meus di-discursos... E Moisés continuou seu pronunciamento exortando o povo à obediência das leis e avisando contra a adoração de ídolos.

Agora vocês imaginem o tempo que Moisés, velho e gago, levou para fazer um discurso que já era longo. Lá pelo meio do pronunciamento já tinha nego alugando banquinhos para os israelitas cansados e vendendo cerveja no meio do povo. E tome-lhe falatório. Terminado este primeiro discurso, Moisés escolheu as cidades para fugitivos a leste do Jordão: Bezer na tribo de Rúben, Ramote em Gade e Golã na Manassés Oriental. Mas isso foi só uma pausa: escolhidas as cidades, Moisés começaria seu segundo discurso, mais longo e detalhado que o primeiro.

O SEGUNDO DISCURSO DE MOISÉS

(Deuteronômio 4:44-49 até 28:68)

Não, vocês não leram errado, nem eu endoidei: pretendo mesmo condensar 24 capítulos num só. Por quê? Já disse: a maior parte é mera repetição do que já vimos nos três livros anteriores. Vamos lá.

O primeiro discurso foi só aquecimento. Neste segundo, Moisés reúne o povo novamente e fala mais do que Fidel Castro. Não gosto nem de pensar em quantos dias ele levou para terminar um pronunciamento tão longo. Começa relembrando os Dez Mandamentos, recebidos por ele no alto do monte Sinai. Fala do medo que o povo sentiu durante o tempo em que ele esteve no alto do monte. Enfatiza o primeiro mandamento, dizendo que se deve temer e adorar a deus. No entanto, é no 6º capítulo do Deuteronômio que temos o que eu creio ser a primeira menção da Bíblia à possibilidade (e dever) de se

amar a deus. Moisés faz avisos quanto aos perigos da desobediência e dá instruções para a invasão de Canaã, para evitar a contaminação com os costumes dos povos de lá. Desfia bênçãos para os que forem obedientes e maldições para os desobedientes. Faz uma exortação à humildade ao dizer que deus não entregou Canaã aos israelitas porque eles sejam bons, mas antes porque os habitantes da terra é que são maus, não havendo portanto nenhum merecimento na conquista da Terra Prometida, e sim o cumprimento de um plano divino. Moisés lembra de quando desceu do Sinai e se deparou com o povo idolatrando um bezerro de ouro, da raiva que sentiu (levando-o a quebrar as tábuas dos Dez Mandamentos), da intercessão que fez pelo povo para que Javé não o destruísse e das novas tábuas, que ele teve que cortar e talhar à mão.

Depois de contar tudo isso, Moisés começa a repisar várias leis: fala da condenação à adoração de outros deuses, dos animais puros e impuros, da lei dos dízimos, do Ano Sabático, das leis para os escravos, das primeiras crias, da Páscoa, das festas da Colheita e das Barracas, dos deveres dos juízes e dos reis (caso Israel viesse a tê-los; veremos que sim), dos direitos dos levitas e sacerdotes, das cidades para fugitivos e as fronteiras da terra. Fala de leis para a guerra e da condenação para os crimes de morte. Discorre ainda sobre o divórcio, o dever de se casar com a viúva do irmão e outras leis para as famílias. Enfim, um discurso longo que só a porra.

No capítulo 27 parece que Moisés termina seu discurso ao começar a falar dos preparativos para a entrada em Canaã: instrui o povo para que, após cruzarem o Jordão, ergam pedras grandes no alto do monte Ebal, pinte-as com cal e inscreva nelas todas essas leis. Depois disso, o povo deverá erguer altares de pedra e oferecer sacrifícios sobre eles, comendo depois a carne e festejando a entrada na Terra Prometida. Fala ainda sobre as bênçãos e maldições: quando entrarem em Canaã, metade das tribos irá para o monte Gerizim, onde serão proferidas as bênçãos, e a outra metade para o Ebal, para as maldições. E vejam vocês como é bom esse tal de Javé: sobre bênçãos não se fala nada, mas as maldições são detalhadas. Os levitas gritarão as maldições do alto do Ebal (coisas como "Maldito aquele que comer a sogra") e o povo responderá "Amém".

Parece ser o final, mas no capítulo 28 Moisés retoma o discurso, falando novamente em bênçãos para os obedientes e castigos para os desobedientes. Aliás, se vocês tiverem paciência, leiam os capítulos originais: toda a ênfase do livro está na obediência as leis. Depois de 40 anos no deserto, vendo milhares de israelitas morrerem a cada crisezinha de raiva de Javé, Moisés deve ter percebido que o negócio era incutir um pouco de medo no povo. Moisés ainda tinha alguma ascendência sobre Javé, e sempre o fazia desistir de seu intuito de destruir os hebreus a cada piripaque. Mas Josué teria o mesmo talento diplomático? Moisés duvidava, por isso resolveu falar tanto em obediência e em castigos para os desobedientes.

Viram só? Já estamos no 28º capítulo de um total de 34. Não falei que ia ser rápido?

O TERCEIRO DISCURSO DE MOISÉS

(Deuteronômio 29 e 30)

Parece que depois de um discurso extremamente longo como foi o segundo, o velho profeta pegou gosto pelo negócio, ganhou segurança, adquiriu técnicas de oratória e usou tudo isso em sua *pièce de résistance* que é este terceiro discurso, o último e mais curto de todos, mas também o mais bonito.

Moisés começa seu pronunciamento relembrando mais uma vez a saída do Egito. A diferença é que dessa vez ele enfatiza os milagres que iniciaram o Êxodo, dizendo que os israelitas viram tudo mas não tinham capacidade de compreender. Ele chega até a dizer que em 40 anos de jornada pelo deserto as roupas e sapatos dos hebreus não se desgastaram, mais um milagre de Javé. Outro milagre de Javé foi matar israelitas às centenas a cada bobagem que os caras faziam, mas Moisés preferiu calar-se a respeito dessa vez.

A lembrança dos milagres e da incapacidade humana de compreender os atos divinos serve como gancho para a segunda parte do discurso que trata de — adivinhem? — obediência. Moisés fala sobre as terras por onde passaram nesses 40 anos e sobre os deuses bizarros adorados em cada uma delas (não fala do deus bizarro dos israelitas, no entanto). Conclama Israel à fidelidade a seu deus, Javé. Traça um quadro pavoroso do futuro de Israel em caso de desobediência, falando da terra outrora próspera coberta de sal e enxofre, para que nada nela cresça, e do povo levado cativo e espalhado por todo lugar. O resumo de tudo isso está no final do capítulo 29: "Há coisas que não sabemos, e elas pertencem a Javé; mas o que ele revelou, isto é, a sua Lei, é para nós e para os nossos descendentes, para sempre. Ele fez isso a fim de que obedecêssemos a todas as suas leis", tudo devidamente gaguejado, é claro.

Nem a maldição é para sempre, entretanto: se depois de desobedecer à lei divina e em conseqüência sofrer o exílio, o povo de Israel demonstrar arrependimento real e sincero, Javé trará os israelitas mesmo dos cantos mais distantes da Terra de volta a Canaã. Judeus e cristãos acreditam que esta profecia tenha começado a se cumprir em 1948, quando da criação do Estado de Israel; daí aquela confusão toda que lemos nos jornais todos os dias.

Moisés encerra seu discurso com belas imagens e de forma grandiosa: diz que os mandamentos que ele entrega ao povo não são difíceis de entender nem de cumprir. Não estão no céu, nem do outro lado do mar, então ninguém tem a desculpa de dizer que são inacessíveis, pelo contrário, estão à mão de todos, guardados no coração dos israelitas e até pregados nos umbrais das portas de suas casas ***(*)***. Ele reafirma que a escolha entre o bem

e o mal, a vida e a morte, cabe ao povo de Israel. Exorta o povo à obediência e ao amor a deus, para que viva muitos anos na terra prometida aos patriarcas. Não, não estou falando de José Bonifácio, caralho. Os patriarcas a que ele se refere são Abraão, Isaque e Jacó, e eu espero que vocês ainda se lembrem desses personagens.

(*) - "...nos umbrais das portas de suas casas": em **Deuteronômio 6:9** e **11:20** (ambas as passagens localizadas no meio do segundo discurso), Moisés diz que, para lembrar sempre dos mandamentos, os israelitas devem escrevê-los no batente de suas portas. Não sei se a intenção dele era literal, mas acabou se tornando: quem já entrou na casa de um judeu, ou numa loja ou fábrica pertencente a um judeu, deve ter notado no alto do batente das portas um pequeno objeto cilíndrico feito de vidro ou madeira. Trata-se da *Mezuzá*, um invólucro contendo pergaminhos com duas passagens da Torá em hebraico: **Deuteronômio 6:4-9**, denominada *Shemá*, e que trata da unicidade de deus e do dever dos israelitas de obedecê-lo, e **Deuteronômio 11:12-21**, o *Vehaiá*, que fala sobre as recompensas para a obediência e os castigos para a desobediência.

*(Fonte: "**Mezuzá: nossa proteção divina**", do site **Beit Chabad - Sua referência judaica na Internet**)*

MOISÉS INSTRUI JOSUÉ

*(**Deuteronômio 31**)*

Tendo esgotado o assunto para discursos, Moisés precisava de alguma outra coisa para ganhar tempo. Então resolveu chamar Josué para passar-lhe instruções.

— Soldado Josué apresentando-se, SE-NHOR!

— Q-que p-porra é e-essa?

— Ao saber que iria ter a honra de substituí-lo, comecei meu treinamento militar, SE-NHOR!

— T-tá, t-tá... M-mas p-pára c-com e-essa p-porra de me ch-chamar de Se-Senhor, que é c-capaz do Ja-Javé f-ficar com ci-ciúmes, a b-bicha... P-pelamordedeus, Jo-Josué, q-que p-posição é e-essa? Tá c-com c-cãibra?

— Não, SE... digo, Seu Moisés. Estou em posição de sentido.

— A-ai m-meu s-saco... À v-vontade, s-soldado. Hum. M-melhor assim. O-olha aqui, Jo-Josué: eu c-convoquei o p-povo para um ú-último p-pronunciamento, e d-dessa v-vez você e-estará ao meu l-lado.

— Será uma honra, SE-SENHOR!

— Ô c-cacete, que f-foi isso a-agora?

— Uma continência, SE... Seu Moisés. Desculpe, me empolguei...

— Hu-humpf. V-vamos lá f-fora, que o p-povo e-está esperando.

Os dois foram para a frente da tenda de Moisés, onde o povo estava reunido. Os israelitas estavam impacientes com a espera, apesar do trio elétrico contratado por Eleazar e do chope de graça, então prorromperam em aplausos quando viram Moisés e Josué subindo ao caminhão de som. Os dois esperaram que a banda terminasse de tocar a Dança da Manivela ("Esses caras precisavam atualizar o repertório, seu Moisés..."). Então Moisés dirigiu-se ao microfone e começou a falar:

— M-meus irmãos i-israelitas! Não se p-preocupem, e-esse não é m-mais um d-dos meus d-discursos, só q-quero a-apresentar uma p-pessoa a vo-vocês. E-eu já e-estou com 120 a-anos e não d-dou mais c-conta de-desse trabalho. A-além disso, o Ja-Javé, d-demonstrando i-imensa g-gratidão, re-resolveu que não v-vou e-entrar na T-Terra P-Prometida. Ve-vejam vocês o d-deus bom q-que nós t-temos... B-bom, de-deixa pra l-lá. O f-fato é que s-sinto até um ce-certo a-alívio. V-vocês s-são um p-povinho m-muito do s-sem-vergonha, c-cabeça-dura, b-burro pra c-caralho! A-ainda bem que v-vou me li-livrar de vo-vocês. E q-quando eu mo-morrer, e-esse rapaz é q-quem vai me su-substituir. Com v-vocês, o m-meu a-amigo...

— ERASMO CARLOS!

— Q-quem f-foi o e-engraçadinho q-que g-gritou isso?

[SILÊNCIO]

— V-vai se e-entregar ou p-prefere que o Ja-Javé m-manifeste sua i-ira...?

— Fui eu, seu Moisés...

— V-você, Jo-Josué? M-mas p-por que você f-fala uma b-bobagem d-dessas num m-momento s-solene, p-porra??? — Pô, seu Moisés, foi mal. Mas eu vi o senhor aí mancando, cabelos grisalhos... Achei que fosse o Rei...

— Jo-Josué, me f-faz um f-favor?

— Claro, seu Moisés!

— Fica de b-bico c-calado e d-deixa que e-eu f-falo com o p-povo.

— ...

— P-povo de I-Israel! A-apresento a vo-vocês seu n-novo líder, o m-meu a-amigo JOOOOOOOOOOOOOOOOO-SUUUUUUUUUUUUUUUU-ÉEEEEEEEEEEEEEEEEE!

[aplausos tímidos]

— P-puta que p-ariu, hein, Jo-Josué? C-carisma z-zero...

— Deixa eu falar com o povo, seu Moisés. Eles vão gostar de mim!

— V-vão p-porra nenhuma. D-deixa c-comigo.

Moisés pigarreou e começou um pequeno e inflamado discurso. Antecipou para o povo imagens do futuro próximo, um tempo de glórias e grandeza para Israel sob o comando do general Josué (que sorriu discretamente ante essa inesperada promoção). Ao fim de seu pronunciamento, o povo aplaudia Moisés e dava vivas a Josué, seu novo líder.

— Posso falar com eles agora, seu Moisés?

— E e-estragar o m-momento? C-claro que não. P-peraí que e-eu vou f-falar umas xa-xaropadas pra vo-você. A-atenção, i-israelitas! A-agora v-vou me di-dirigir ao ge-general Jo-Josué, seu n-novo l-líder. Jo-Josué, vo-você tem que s-ser f-forte e c-corajoso. P-prevejo um f-futuro b-brilhante para v-você à f-frente desse p-povo. Ja-Javé estará c-com vo-você o t-tempo todo, e o a-ajudará a de-derrotar os i-inimigos. E-Então, Jo-Josué, d-deixa de s-ser b-bundão e a-agradeça aos a-aplausos d-desse p-povo m-maravilhoso!

— Parece a Hebe falando...

— Não t-torra m-meu s-saco e f-faz o que eu m-mandei. E-eles já e-estão c-começando a g-gostar de vo-você, não vá e-estragar t-tudo.

— Tá bom. Mas eu posso pelo menos falar com eles agora?

— Hum... M-mais tarde. A-agora eu vou e-entregar aos l-levitas as l-leis que e-escrevi e d-depois v-vamos c-conversar c-com Ja-Javé.

— CONVERSAR COM JAVÉ???

— F-fala baixo e c-continua a-agradecendo os a-aplausos, p-porra!

— CONVERSAR COM JAVÉ???

— É.

— O senhor está me dizendo que eu vou conversar com Adonai?

— S-sim.

— Com El Shadai? Elohênu?

— I-isso, i-isso. Já v-vi que vo-você c-conhece v-vários n-nomes pra ele. Mas q-quero v-ver você f-falar i-isso a-aqui, ó: **YHWH**!

— Saúde!

— He-hein?

— Ué, o senhor espirrou, então...

— E-espirrei n-nada! Acabo de f-falar o n-nome se-secreto de d-deus. **YHWH**!

— Porra! Como é que se escreve isso?

— Y-H-W-H.

— Mas isso é impronunciável!

— Eu a-acabei de p-pronunciar! **YHWH**!

— Er... Né por nada não, seu Moisés, mas isso parece mais um espirro do que nome de divindade...

— B-bah. T-também a-acho... B-bom, p-pode p-parar de se d-dobrar, v-vai a-acabar d-deslocando a c-coluna. A-agora vou f-falar com os l-levitas.

Moisés reuniu os levitas e entregou a eles seus pergaminhos com todas as leis que havia anotado. Instruiu-os para que guardassem os pergaminhos ao lado da Arca da Aliança, e que fizessem sua leitura pública a cada sete anos durante a Festa das Barracas. Feito isso, foi com Josué para o Tabernáculo. Ao se aproximarem notaram uma coluna de fumaça que subia da Tenda Sagrada.

— Xi... Ja-Javé t-tá f-fumando. V-vai ser u-uma c-conversa d-difícil.

— Hum... Não é melhor a gente voltar outra hora então?

— D-deixa de s-ser b-bundão, Jo-Josué! V-vamos lá.

Os dois entraram no Tabernáculo, onde Javé puxava seu fumo e olhava para o nada.

— Ja-Javé, eu t-trouxe o Jo-Josué a-aqui p-para...

— Quieto, Moisés... Esse fumo de Moabe é bom mas dá uma viagem ruim da porra. Estou aqui vendo o futuro de vocês, e não é nada bonito. Os israelitas vão entrar em Canaã. Serão vitoriosos e passarão a morar lá. Mas esse povo é teimoso, não adianta: depois de um tempo, vão começar a adorar outros deuses e eu os abandonarei à própria sorte. Serão

derrotados pelos seus inimigos e levados para terras distantes, então saberão que estão sofrendo pela própria desobediência.

— P-porra, Ja-Javé, p-pega leve... O m-menino c-começou ho-hoje no t-trabalho e cê já vem c-com esses p-papos?

— Não enche, Moisés. Tenho que falar a verdade. Eu tava aqui pensando nesse futuro tenebroso que espera o povo de Israel e acabei fazendo isso aqui — disse, passando um pergaminho para Moisés.

— Q-que é i-isso?

— Uma música que eu fiz. A letra fala do quanto os israelitas vão quebrar a cara.

— Quebrar a cara? Bom, pelo menos nossos descendentes terão narizes menores. Hehe...

— Quem é você?

— Jo-Josué...

— Porra, outro gago???

— Sou gago não senhor. Só estou intimidado diante da presença grandiosa e da glória infin...

— Cala a boca, palhaço! Moisés: cante essa música aí para o povo e ensine a letra a eles. Essa música será o hino de Israel e todos deverão sabê-la de cor. A ironia aí é que no futuro, quando estiverem no exílio, os israelitas continuarão a cantá-la, e o farão com remorso no peito.

— T-tudo b-bem.

— Então tá. Pode ir.

— Er... E eu, Javé?

— Quem é você???

— E-esse é o Jo-Josué, Ja-Javé...

— Que Josué?

— Jo-Josué. O n-novo l-líder do p-povo.

— Novo líder? Ué, mas não é você o líder...? Ah, lembrei! Você vai morrer logo! Mas e aí, qualé a desse Josué?

— E-eu sei lá! V-você que e-escolheu e-ele como n-novo l-líder!

— EEEEEEEEEEU???

— É, Ja-Javé...

— Puxa, é mesmo. E aí, Josué, preparado para a tarefa que o aguarda?

— Seu Javé, eu queria dizer que estou muito feliz de poder servir ao meu deus e à minha pátria, e que farei de tudo para não decepcioná-los nessa empreitada que será a invasão de Canaã, de forma que...

— Cala a boca.

— ... todos saberão que Javé é deus e que Israel é seu povo escolhido, porque desde o dia em que o senhor chamou nosso pai Abraão nos tornamos um povo separado dos outros e...

— CALA A BOCA!

— Er... Desculpe, Javé.

— Porra. Primeiro um gago, agora um falador. Eu não dou sorte mesmo... Olha Josué, seja forte e corajoso. Você irá liderar o povo de Israel na tomada de Canaã, e viverá dias de glória graças à minha ajuda.

— ...

— Tá me olhando por quê?

— É só isso?

— É, ué. Queria o quê? Tapete vermelho, bandinha no coreto, umas putas?

— Ah, sei lá... É que isso tudo aí o Moisés já me falou.

— Ah, então faço minhas as palavras dele. Agora podem ir, que eu vou lá em cima procurar alguma coisa pra comer. Moisés, não esquece de gravar a música.

— T-tudo b-bem.

— Beleza. Té mais.

— Tchau, Ja-Javé.

— Seu Javé, devo dizer que foi uma honra estar aqui e conversar com o senhor, uma vez que sua fama o precede e que todos os seus feitos têm sido...

— CALA A BOCA!

Depois dessa bela e instrutiva conversa com deus, Moisés e Josué saíram do Tabernáculo. — E agora, seu Moisés, vamos fazer o quê?

— V-você eu não s-sei. Q-quanto a m-mim, v-vou e-ensaiar com a b-banda. Q-quero g-gravar essa m-música a-ainda hoje...

A CANÇÃO DE MOISÉS

(Deuteronômio 32:1-44)

Depois de ter ensaiado a música que deus dera a ele, Moisés chamou Josué e subiram ambos ao trio elétrico para apresentarem seu número.

— P-povo de I-Israel! Eu e o c-compadre Jo-Josué v-vamos c-cantar a-agora uma c-canção que f-fala do f-futuro que os e-espera c-caso de-desobedeçam a l-lei de d-deus. O-ouçam com a-atenção e m-meditem! P-pronto, Jo-Josué?

— Mas eu nem conheço a música, seu Moisés!

— P-precisa c-conhecer n-não. F-fala umas b-bobagens no m-meio e tá b-beleza. V-vamos lá. Moisés chamou ao palco duas vagabundas moabitas e um negão etíope sarado para fazerem a coreografia da música e começou a cantar. Ouçam e cantem junto:

Moisés & Josué - A Dança de Israel

Ô Israel
Preste atenção
Eu vou falar um montão
E vocês vão ter que escutar.
Porque Javé
Pega no pé
Cês sabem como é
Então vamos a deus adorar.
ADORA, ADORA!
Adora, adora, adora,
adora, adora, adora, adora,
adora, adora, adora, adora
Já adorei!
Adora, adora, adora,

adora, adora, adora, adora,
adora, adora,
Vê se adora de uma vez.
Já adorou o Javezinho?
Já adorei.
Já adorou o Baalzinho?
Já adorei.
Já adorou o Moloquinho?
Já adorei.
Já adorou o Dagonzinho?
Já adorei.
Agora pare! [SACANAAAAAAGEM!]
Israel tomou no cu.
Agora chora!
Israel já foi pro saco.
Israel pecou
Pecou todo dia
Agora já se acabou
Acabou sua alegria.

Empolgados com o ritmo da música, os israelitas nem atentaram para a mensagem tenebrosa que a letra continha. E mesmo que prestassem mais atenção, duvido que se importassem muito: estavam empolgados por estarem tão próximos da conclusão de sua jornada de quarenta anos.

A BÊNÇÃO DAS TRIBOS

(***Deuteronômio 33***)

Quando terminou de cantar sua canção, ainda no final do capítulo 32, Moisés foi chamado por deus:

— Moisés, chega de me enrolar. Cê já fez um monte de discurso, já escreveu seus cinco livros, já cantou, já fez o diabo. Agora trate de ir até a serra de Abarim e subir ao monte Nebo, em frente à cidade de Jericó. Lá de cima você vai ver toda a terra de Canaã, a qual não chegará a habitar. Você vai morrer no alto do monte Nebo assim como seu irmão morreu no alto do monte Hor. Os dois me sacanearam no episódio de Meribá, quando eu falei que você deveria ordenar à rocha que manasse água e no entanto você...

— T-tá b-bom, Ja-Javé, t-tá b-bom. T-tô cansado de vo-você fi-ficar me j-jogando i-isso na c-cara. Aquilo em M-Meribá foi uma b-bobagem, mas já que v-você a-acha g-grande c-coisa, v-vamos a -acabar logo com i-isso.

— Assim é que se fala, Moisés! Espero que você não guarde rancor por isso. Não é nada pessoal.

— I-imagine se f-fosse...

— Não fode, Moisés. Vai subir ao monte ou não?

— V-vou, j-já disse. D-deixa s-só eu a-abençoar o p-povo...

— Porra, lá vem você me enrolar de novo!

— P-pô, Ja-Javé, não c-custa n-nada. Se v-você deixar eu a-abençoar o p-povo, eu e-encho a s-sua b-bola d-durante a b-bênção.

— E se eu não deixar?

— Aí eu f-falo a v-verdade pra t-todo m-mundo: que você é um d-deus t-temperamental, ch-cheio de f-frescuras, ci-ciumento, b-birrento, e a-além de t-tudo em c-começo de c-carreira.

— COMEÇO DE CARREIRA???

— L-lógico! O-olha a q-quantidade de p-pessoas que te s-seguem. R-ridícula!

— Mas é um projeto a longo prazo!

— Eu s-sei. Mas se eu q-queimar seu f-filme o p-projeto p-pode ser a-abortado agora m-mesmo. — MOISÉS, VOCÊ É UM FILHO DA PUTA! Bom, foda-se. Manda a tal bênção pro povo lá. Mas olha lá, hein? Coisa rápida. E puxando bastante o meu saco.

— P-pode deixar.

Então Moisés voltou ao caminhão de som para fazer seu último pronunciamento. Como havia prometido, bajulou bastante a deus: pintou um quadro de Javé vindo com milhares de anjos para proteger o seu povo, surgindo como sol por cima de Edom. Em seguida começou a bênção de cada uma das doze tribos, desejando a elas felicidade, paz, força, essas coisas. Foi um discurso bastante extenso, afinal de contas pra morrer ninguém tem pressa. Moisés encerrou com mais um pouco de babação de ovo: Javé é bom, Javé é lindo, e Israel é muito feliz por ter um deus tão vitaminado e maravilhoso. Findo seu discurso, o velho líder foi aplaudido com entusiasmo pelo povo que comandara por quarenta anos. Emocionado, ele olhou aquela multidão pela última vez e retirou-se em silêncio. Chegara sua hora.

A MORTE DE MOISÉS

*(**Deuteronômio 34**)*

Bom, vamos acabar logo com isso.

Depois de abençoar as tribos, Moisés atravessou sozinho e calado a planície de Moabe na direção do monte Nebo. Subiu até o alto do monte com muita dificuldade, a carga de seus 120 anos consideravelmente aumentada pelo peso da proximidade da morte. Não demonstrou surpresa nenhuma ao perceber que não estava sozinho ali. — Olá, Moisés.

— Oi, Ja-Javé.

— É chegada sua hora, meu velho.

— Eu s-sei...

— Mas antes quero mostrar a você a terra que Israel habitará, a terra que prometi a Abraão, Isaque e Jacó. Venha comigo, o helicóptero está esperando.

Então Javé e Moisés sobrevoaram toda Canaã. Moisés conheceu tudo: a grande terra de Gileade, a costa do Mar Mediterrâneo, as planícies e montanhas, os bosques e desertos, as grandes cidades Cananitas inclusive a mais esplendorosa de todas: Jericó, a Cidade das Palmeiras. O velho profeta se emocionava: ali estava o fruto de quarenta anos de trabalho. Não fôra em vão, e ele lamentava um pouco menos sua própria morte.

Depois de verem tudo, os dois voltaram para o alto do monte Nebo, um pobre deus com grandes projetos e seu fiel amigo. Javé ordenou ao piloto que voltasse para o hangar e ficou sozinho com Moisés. Queria falar alguma coisa, fazer um grande discurso de agradecimento talvez, mas não conseguia: nunca se sentira tão triste desde a morte de seu primeiro amigo, Abraão. Então apenas disse:

— Obrigado, Moisés.

— Você é um deus cruel, Javé.

— VOCÊ NÃO ESTÁ MAIS GAGUEJANDO, MOISÉS! O QUE ACONTEC... Moisés...?

Mas Moisés acabara de morrer. Tomado de tristeza, Javé pegou seu corpo e o sepultou num vale perto da cidade de Bete-Peor, em lugar para sempre incógnito.

E foi assim a morte do maior herói da história de Israel: inglória, estúpida, sem sentido. Como são todas as mortes, aliás. Moisés tinha 120 anos quando morreu, e ainda

enxergava bem e tinha boa saúde. O povo ficou de luto e chorou a morte de seu líder por 30 dias. A partir de então Josué seria efetivamente o novo líder.

O Deuteronômio termina dizendo que nunca mais apareceu em Israel um profeta como Moisés, que falava cara a cara com Javé e fazia os milagres mais espantosos. Embora a tradição atribua a Moisés a autoria do Pentateuco (os cinco primeiros livros da Bíblia), não se sabe quem narrou sua morte e fez essa curta elegia final.

Iniciado em 10 de setembro de 2003
Concluído em 30 de setembro de 2003